

## **Dom Casmurro no Divã** **Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana<sup>1</sup>**

*Carlos Amadeu Botelho Byington<sup>2</sup>*

Trata-se de um romance de dúvida entre o possível adultério de Capitu e o delírio de Bentinho, oriundo do seu ciúme doentio. Para os incautos, a atração fatal é tomar partido. Fatal será, porque se o fizerem, estarão condenados a naufragar na dúvida e acordar no dia seguinte pensando o contrário, para voltar a pensar a mesma coisa e, assim, como Sísifo, empurrar, ao invés da pedra, sua conclusão precipitada.

Não se pode fugir da dúvida neste romance, porque o autor, através da fala de Bentinho, fundamenta as duas possibilidades maquiavelicamente com dados, ora concretos e explícitos, ora com alusões discretas, mas sempre com a intenção de tornar a dúvida indecifrável.

Se assim é, o melhor que podemos fazer é segui-lo para descobrir que, se não é para uma definição conclusiva da culpa, ou de delírio paranóide, para onde é que esta criatividade exuberante quer nos levar. Como recomendava sabiamente Juliano Moreira, o grande psiquiatra baiano: “Jamais devemos contrariar o paciente”. Com isso queria ele ensinar que, ao acolhermos o sintoma da doença mental, por mais estapafúrdio que seja, estamos em melhores condições de compreendê-lo que quando o desprezamos. Assim podemos fazer, também, com o escritor ou com qualquer expressão simbólica.

A primeira reação que temos, quando mantemos a dúvida, é nos darmos conta que a resistência a ela veio da tendência do nosso Ego de julgar, concluir e controlar precocemente as circunstâncias da vida, sem lhes dar a devida atenção e assim permanecer numa posição de poder, mesmo sendo ela superficial. A segunda percepção que tem aquele capaz de manter a dúvida é que, assim fazendo, os menores detalhes se tornam importantes e a imaginação alça vôo com eles para perscrutar os quatro cantos do mundo. Compreende-se, desta maneira, a importância que o Budismo dá à plena atenção para se chegar à verdade. A terceira conclusão é que, apesar de a dúvida ter sido estigmatizada como uma incapacidade de se chegar à decisão, ela é, antes de tudo, uma função muito importante para se aproximar da essência das reações humanas. De fato, ao praticarmos a dúvida, nos damos conta que ela tem sido o grande instrumento da ciência para atravessar as aparências em direção à verdadeira realidade, como bem

---

<sup>1</sup> Artigo baseado no seminário com o elenco da minissérie Capitu, do diretor Luiz Fernando de Carvalho, 2008.

<sup>2</sup> Médico psiquiatra e analista junguiano. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Educador e Historiador. Criador da Psicologia Simbólica Junguiana. E-mail: [c.byington@uol.com.br](mailto:c.byington@uol.com.br). Site: [www.carlosbyington.com.br](http://www.carlosbyington.com.br)

afirmou o próprio Machado de Assis: “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda de descobrir o encoberto”. Se o autor nos convida para embarcar na dúvida como uma função psicológica estruturante da Consciência, ele se expõe também ao nosso escrutínio, que pode começar pelo próprio título de Dom Casmurro. Atribuído que foi a um poeta rejeitado, o fato de ter sido facilmente adotado nos leva a conjecturar sobre seu significado e sobre a personalidade de Bentinho. Casmurro é definido no dicionário como teimoso, obstinado e cabeçudo, por um lado, e por outro, quer dizer também taciturno, sorumbático e ensimesmado, o que nos leva à possibilidade de Bentinho se haver tornado, sem se dar conta, um depressivo crônico após tudo o que viveu e irá relatar.

É o fato de permanecermos na dúvida que nos impede catalogar Bentinho e Capitu, e mais tarde Escobar, dentro da carapuça do adultério e de buscarmos compreender a complexidade das funções e reações das suas personalidades, dentro do contexto existencial único da sua individualidade. Quando assim fazemos, podemos entender melhor porque é igualmente plausível que Capitu tenha traído Bentinho como também que ele tenha inventado essa traição pela projeção do seu ciúme patológico, como fez Otelo com Desdêmona, instigado diabolicamente por Iago, na peça de Shakespeare. Jung descreveu a função transcendente da imaginação como a principal ferramenta que a mente emprega para expandir sua compreensão simbólica do processo existencial. A maestria de Machado de Assis em estimular nossa imaginação para compreender os personagens do livro e, sobretudo, do extenso e intenso poder do ciúme, é de uma capacidade extraordinária.

Para construir a ambigüidade do enredo, o autor descreve Capitu como uma jovem fascinante de beleza, inteligência, perspicácia e sensualidade, mas também, de grande capacidade de mentira, dissimulação e manipulação. Não é só José dias que lhe descreve com “olhos que o Diabo lhe deu, como cigana oblíqua e dissimulada, com vaidade e capacidade de dissimulação”. O próprio Bentinho descreve seu olhar de ressaca e sua revolta agressiva que ofende D. Glória como “beata, carola e papa-missas” num repente emocional, para em seguida dela se aproximar carinhosa e sedutora, para conseguir seu apreço e proteção, quando se dá conta que é ela realmente quem irá decidir a sorte de Bentinho. “O que unicamente digo aqui é que, ao passo que nos prendíamos um ao outro, ela ia prendendo minha mãe, fez-se assim mais assídua e terna, vivia aos pés dela, com os olhos nela”.

O amor e o caráter de Capitu também são postos em suspeição, quando o autor descreve sua ambição de ascensão e de *status* junto com o complexo de inferioridade

social de seu pai e de insinuações de Bentinho sobre um possível uso do namoro da filha em benefício próprio.

No entanto, o que acima de tudo sugere no livro o adultério de Capitu é que ela era, sem dúvida, uma mulher muito exuberante e afetivamente segura, tanto quanto Escobar o era como homem, ao passo que Bentinho... Não se pode deixar escapar da nossa plena atenção, que vê realidades por trás das aparências, que, desde o início da sua relação no seminário até a morte de Escobar, a amizade entre os dois compensará a pouca segurança de Bentinho com a desenvoltura de Escobar.

A obra de Machado de Assis (1839-1908) nos coloca diante de uma sociedade do final do século XIX, puritana, muito reprimida, na qual as emoções verdadeiras são insinuadas, de um modo geral, através de frestas. Ele não se compromete com nenhuma emoção que caracterize a identidade autêntica do personagem, mas emprega reações que sugerem estados de consciência. Junto com a dúvida de quem conhece o final do livro, esse estilo instiga a imaginação do leitor e a conduz para a subjetividade do enredo. É o oposto e até mesmo a raiz da qual surgirá no século seguinte, Nelson Rodrigues, com seu furor intempestivo de virar a mesa e escancarar tudo aquilo que estava no porão da sociedade carioca.

Começamos nossa análise da possível depressão futura de Bentinho pelo ciúme, pois acredito que ele seja a função estruturante central do romance ao lado da homoafetividade. Como todas as outras emoções, o ciúme está camuflado dentro da trama, mas emerge aqui e ali de forma vulcânica, surpreendente e crescente dentro da vida social puritana, que não revela sentimentos verdadeiros, autênticos, e caminha letargicamente sob o peso da idealização da figura materna asfixiadora de D. Glória e da infantilização neurótica de Bentinho. Sua “vocação religiosa” tem todas as características de uma maldição. Considerando sua sobrevivência um milagre, pois seu filho anterior morrera, D. Glória promete que pagará sua promessa a Deus fazendo com que ele se torne padre. Apesar do absurdo estar dentro da distorção religiosa e social da época, fica para o leitor a forte suspeita de a promessa ser um ardil inconsciente ou até mesmo consciente de D. Glória para suavizar sua viuvez mantendo seu filho casto e unido a ela para sempre.

O ciúme forma com a inveja um par de emoções. São primos-irmãos, que caminham juntos no funcionamento e no desenvolvimento da personalidade. O ciúme normal   o guardião do amor, que nos avisa quando esse tesouro está sendo cobiçado (Byington, 2006). A inveja é o desejo de possuir o que   do outro. Se um objeto   de alguém e você o quer, precisa assumir a posição de ter um desejo transgressor. E,

conseqüentemente, fica numa posição conflitiva, desafiadora, de coragem, destemor, de ousar conquistar aquilo que é do outro. Esse outro pode ser visto sob a ótica exclusivamente individual ou conjugal, “quando a mulher é do próximo”, ou cultural, como no caso da propriedade privada e das classes sociais. Um ponto essencial na inveja é que o outro desejado não é necessariamente literal, mas simbólico. Se o outro é um carro ou a mulher do amigo, o invejoso pode ir buscá-los pelo que eles representam, e não literalmente por eles próprios.

A inveja é uma emoção que leva o indivíduo e a sociedade à transformação do seu potencial. Em função de quê? Do desejo de cada um de se realizar. Como Jung diz, o principal instinto humano é aquele que conduz o processo de individuação, que revela a força vital dentro de nós, que nos impulsiona ao crescimento, ao desejo, à criatividade e às conquistas. A inveja de Bentinho da desenvoltura masculina de Escobar pontua sua relação muito antes do ciúme avolumar-se.

Como sabemos, a inveja foi execrada e transformada num dos sete pecados capitais. E isso aconteceu exatamente por força de sua capacidade transformadora. Estigmatizada por sua natureza transgressora, ela passou a ser considerada má. Mas, o que é a inveja ruim? É exatamente não poder realizar a inveja boa. Não poder lutar para conseguir aquilo que você deseja e passar, então, a falar mal, a desqualificar, a esconder o desejo, a fingir e, com isso, entrar na dissimulação, na falsidade, dando uma de que as uvas estão verdes... A inveja ruim é a deformação da inveja boa, quando pela frustração de não poder realizar-se, ela se torna venenosa, manipuladora e, aí sim, passa a atuar o mal através da destrutividade (Byington, 2002).

No livro, a inveja é a mais escondida das emoções. Se ela se mostrasse talvez tudo esclarecesse, pois revelaria o quanto Bentinho gostaria de ser Capitu e de ser autorizado a ter aquele olhar diante do cadáver de Escobar. Esse olhar cravejado de ciúme que se transformará no punhal assassino da sua relação conjugal, é tão misterioso e seu exagero tão absurdo que, se imaginarmos que a inveja está nele apesar de negada e escondida, talvez possamos decifrar a força central do seu veneno. Nesse caso, o que Bentinho viu no olhar de Capitu foi, talvez, o que, do fundo de sua alma, ele gostaria de se permitir.

Hamlet diz: “Nada é bom ou mau. É o pensamento que o faz”. Na vida, as grandes funções da sexualidade, da agressividade, da inveja e do ciúme podem atuar em função do bem e do crescimento, ou do mal. Assim, todas as funções estruturantes normais, que expressam o Bem, podem sofrer fixações e formar as defesas conceituadas por Freud. Nesse caso, elas vão fazer parte da Sombra, descrita por Jung, que abriga a

destrutividade, ou seja, o Mal.

O contexto arquetípico está em todos nós. Arquetípico é aquilo que a gente faz em todos os lugares do planeta, e que é comum a todos os seres humanos desde sempre. Se a gente encontrar alguém na Polinésia e trocar duas palavras, conviver e aprender o idioma vai descobrir que essa pessoa tem desejos e vivências semelhantes aos nossos. Eles existem lá, aqui, na África e em todos os lugares. Jung mostra: nós somos semelhantes porque temos arquétipos comuns a todos nós. A inveja é um deles e o ciúme é outro grande arquétipo. São elementos que estruturam a consciência e a personalidade.

Qual a principal diferença no processo de individuação de homens e mulheres na formação das respectivas identidades? Ao perceber sua identidade sexual, por volta dos dois anos de idade, o menino sente que é diferente da mãe, que é do sexo oposto ao dela e é essa percepção que desencadeia **naturalmente** o seu afastamento. Já a mulher percebe que é igual à mãe e que pode continuar ao seu lado. Assim, é a partir da mesma idade de dois anos que a menina percebe sua identidade sexual e começa a desempenhar a futura mamãe, brincando de boneca, dando mamadeira, mudando a roupinha, dando banho e ninando. Ela pode brincar de mamãezinha desde cedo e isso lhe faz feliz. Será uma espécie de preparação para que, no futuro, ela dê à luz uma criança de verdade.

Com o homem, a história é outra. Ele é condenado à separação da mãe. E isso não ocorre somente através de um princípio paterno que vem separá-lo da mãe pela interdição do incesto, como descreveu Freud. Ele é fadado à separação a partir da percepção de que é diferente dela. Sua busca do pai, dos irmãos e dos amigos é a busca dos seus semelhantes para desenvolver o potencial da sua identidade. Os tabus não se formam por forças externas impositivas, mas sim para expressar costumes estabelecidos com o passar das gerações. O tabu do incesto não foi criado por um pai castrador e sim, inicialmente, para referendar a busca de si mesmo empreendida desde o início dos tempos. É a partir daí que o princípio paterno funciona como interdição do incesto. Ele vem referendar o normal, e não proibí-lo.

São quatro os pilares da formação do Ego: o complexo paterno, o complexo materno, o vínculo entre eles e as reações da criança. O ego surgirá daí e, naturalmente, vai apresentar características formadas a partir dessas quatro fontes. Nesse sentido, a personalidade do homem deve separar-se da mãe, sob pena de fusão. Contrariamente à teoria de Freud (1914), que descreveu o início da vida como narcisismo primário, concordo com a postulação de Margareth Mahler, que descreveu o início da vida dentro da simbiose original, que ocorre num estado de indiferenciação. É a partir dessa fusão

inicial com os pais que o menino precisa se diferenciar da mãe (Mahler, 1975).

Ao invés de um narcisismo primário e isolado do mundo, baseados nas pesquisas de Margareth Mahler, podemos afirmar que a criança nasce num universo indiferenciado, extremamente ligada a todo o seu entorno, muito fundida com todas as personalidades que ali estão, recebendo estímulos que se somam às suas próprias reações para formar sua identidade. Nesse caso, a criança é uma esponja, que reage a tudo o que está à sua volta para formar o próprio Ego. A fome da criança de construir o Ego é enorme, e os significados dos cuidadores maternos e paternos, as emoções entre eles e as reações da criança, serão predominantes na formação da identidade. Para que o menino diferencie um ego masculino, ele vai precisar se separar da mãe. Esse corte é imprescindível e **se origina na sua própria percepção**. O pai vai ratificá-lo, mas não causá-lo. A sensibilidade da mãe e a sua capacidade de abrir mão daquilo que é um outro e que é estranho a ela, também vão confirmá-lo.

Psicologicamente, a mãe saudável sente a criança como um outro ser e, da mesma forma que lhe deu a dependência, o cuidado, lhe oferece também autonomia. A vida da criança vai consagrar os pais através do seu crescimento e do pleno exercício da sua personalidade. Quando temos orgulho de filhos que ficam grudados em nós, impotentes e ineficientes, é porque somos doentes. Quando somos saudáveis, temos orgulho de filhos que crescem e vão para o mundo e se manifestam por inteiro, mesmo sendo muito diferentes de nós.

D. Glória em momento algum tem a noção saudável da maternidade. Sua postura como mãe é doentia porque ela quer Bentinho para si. Ela é o monumento vivo, a denúncia de um complexo materno deformado, de uma grande mãe devoradora e castradora. O livro descreve essa patologia com grande eloqüência caricatural dentro da linguagem católica da Igreja: uma santa bem-aventurada, enaltecida pelo próprio nome, que preenche não só o lugar de mãe, como também o vazio deixado pelo pai falecido. Essa toada vai do início ao fim, levando a loucura e a desfaçatez até a lápide, onde não se pôde nem gravar o nome Glória, já que isso diminuiria a grandeza daquela mulher. A própria burocracia do cemitério chama a atenção para o desvario: “Estranho, enterrar sem nome...”, alguém diz. De outro lado, retrucam: “Não, tem que ser santa”. E finalmente se consegue que santa fosse. Ou, na fala de José Dias: “Santa, não. Santíssima!”

Através dos tempos, o machismo tem endiabrado Capitu, mas se existe um monstro psicológico nesta obra, ele é D. Glória, mãe terrível, disfarçada sob a forma de bondade. Carola, festejada pela hipocrisia de uma religião decadente, numa burguesia com valores falsos e puritanos. O extraordinário é que sem nada disto afirmar, o autor faz

com que seus personagens nos convençam de tudo isto pela deformação da personalidade do próprio relator. “Os projetos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na igreja... Viúva sentiu o horror de separar-se de mim... Unicamente para que nos separássemos o mais tarde possível, fez-me aprender em casa as primeiras letras, latim e doutrinas, por aquele padre Cabral... Minha mãe ficava muitas vezes a olhar para mim, como alma perdida, ou pegava-me na mão, a pretexto de nada, para apertá-la muito”.

D. Glória é inseparável da deformação da Igreja que, através da transformação de sete funções estruturantes nos sete pecados capitais, manipula e controla a sociedade, a cultura e o desenvolvimento das instituições com o trunfo do pecado e o calor atemorizante das chamas do inferno, às expensas da função revolucionária do Mito Cristão. É essa atmosfera social e religiosa que nós vamos encontrar no Rio de Janeiro do século XIX. E a patrona desta experiência, o personagem principal desta sátira no enredo de Dom Casmurro é D. Glória, com toda a sua idealização beatífica, sombria e aniquiladora, cujo fruto principal é o pobre Bentinho, amaldiçoado e marcado com ferro em brasa por sua bênção, como seu nome indica. Fraco desde o início, ele é uma vergonha como homem. É o oposto da masculinidade integrada, da hombridade, da virilidade, da criatividade. A masculinidade dele é insultuosa. Bentinho lambuza do começo ao fim do livro sua dignidade masculina com a omissão, a covardia e a pusilanimidade, despertando no leitor uma forte repulsa às suas reações.

Capitu é o oposto, ela é mulher-fêmea, a figura feminina que traz no olhar a braveza do mar. E antes mesmo da ressaca, ela é o olhar da pujança e da fertilidade das águas, um esplendor de mulher, crescendo e se desenvolvendo. O inverossímil é que ela tenha se apaixonado por ele, pois Bentinho está no outro extremo, com suas inibições, suas hesitações, com o sentimento escondido e uma enorme dificuldade de ser gente. Quando ele se reconhece como homem, parece que vai começar a sê-lo. Mas ele só olha para o chão... Podemos pensar: é o resultado da educação moralista? Sem dúvida. E da repressão puritana da época? Também, mas, sobretudo, é o filho querido, mimado e atrofiado de D. Glória.

Porém, o que se tem em última instância, como fruto dessa repressão, é esse homem que não consegue se separar da mãe. Que é o problema social do Cristianismo. Essa mãe dadivosa, Virgem Maria, cuja imagem milagrosa foi manipulada para manter o Filho no colo junto com sua imagem paralisada na cruz, estagnada e impedida de realizar sua revolução de desenvolvimento individual e social. Bentinho é tolhido e fica sem poder

dar curso à sua revolução humana, o que Alfred Adler chama de “protesto masculino”. Ele é impedido de crescer e amadurecer, e é enviado para o seminário em função da relação mercantilista de D. Glória com Deus. Simbolicamente isso é espetacular porque expressa, de maneira singular, as conseqüências centenárias da Contra-Reforma e da Inquisição, que deformaram a natureza humana através de regras ditadas pelo Santo Ofício.

A princípio, todos os personagens do romance estão às voltas com a idealização de D. Glória e todos estão de acordo quanto ao fato de ela ser uma senhora maravilhosa, uma santa. O autor conduz suas leitoras neste embalo, e deixa que todas a admirem. Bentinho fala na mamãe o tempo todo, o que, a certa altura, chega a dar náuseas e arrepios. O leitor está pensando no desenvolvimento da personalidade, num homem que está crescendo, e de repente ele diz: “Se mamãe quiser...” Isso dá muita aflição. Onde é que está a virilidade desse sujeito? Onde é que está a hombridade, a dignidade, a força masculina? Esse rapaz é um castrado, é uma pessoa anulada. O dueto absolutamente harmônico entre o enaltecimento incessante de D. Glória e a castração de Bentinho é um tema que atravessa o romance. Nós o acompanhamos junto com o desenvolvimento exagerado do ciúme e da inveja nas entranhas de um pobre coitado, e que vai conduzi-lo à fronteira da psicopatia, do homicídio e do suicídio.

O ciúme, na personalidade do Bentinho, é exuberante. E cabe perguntar por quê? Não vamos simplesmente achar que, de uma hora para outra, ele se tornou um grande ciumento. Por que motivo essa função estruturante ficou tão forte, tão patológica e tão negativa? Por que ele começa a sentir ciúme de tudo, e possivelmente até a criar um estado paranóico que o leva a pensar na traição de Capitu e nas chances de Ezequiel ser filho de Escobar? É um estado delirante que o autor suaviza com a possibilidade de se tratar de um fato real. Ele mantém a ambigüidade, e dá muitos sinais de que, de fato, Capitu pode ser uma traidora e que Ezequiel seja mesmo o filho de Escobar. Machado constrói esse quadro e vai nos cozinhando nesse enredo, ali, em cima de sua brasa maquiavélica. De nossa parte, vamos amadurecendo nossas dúvidas, sem nunca poder concluir coisa alguma.

Muitas vezes, Bentinho apresenta um ciúme possessivo, muito exagerado – se fosse atendido numa consulta psicológica, seria, sem dúvida, diagnosticado como ciúme patológico. Tendo em mente que o ciúme é protetor da realidade emocional, que é o segurança do amor, nós vamos teorizar por que ele se tornou tão exagerado na personalidade de Bentinho. O que aconteceu? Vamos perceber o complexo materno fortíssimo e, ao mesmo tempo, por todos os lados, sinais que denunciam a ausência do pai. Aquele menino cresce, como filho único, junto com D. Glória. Ela é idealizada por



Bentinho e ele se entrega completamente ao amor materno – que não só é incestuoso e edipiano, como é contrário ao desenvolvimento da personalidade de um homem, pois impede sua diferenciação. Independentemente da personalidade de Capitu, seu ciúme patológico lhe é próprio como nada mais.

Bentinho não passou por nenhum ritual masculinizador. Jung, certa vez, chegou numa tribo dos índios Pueblo e só encontrou as mulheres e as crianças. Estranhando aquela situação, ele perguntou: “Onde estão os homens?” Em seguida, ouviu-se uma gritaria: eram os homens, que estavam um pouco afastados, num ritual. Jung foi então levado por seu guia para esse local e, chegando lá, encontrou todos pulando e gritando. “O que é que eles estão dizendo?”, perguntou ao guia. O rapaz então explicou: “Estão dizendo: nós somos nós! Nós somos nós! Nós somos nós!” O que isso significava? Era simplesmente uma afirmação da identidade: “Nós não somos elas. Temos que buscar o nosso próprio caminho. E o nosso próprio caminho não é o caminho delas”.

É inevitável pensarmos numa possível homossexualidade latente de Bentinho, na relação com Escobar, mas, ao fazê-lo, quero inserir na homossexualidade um conceito muito importante, que é a **homoafetividade**. A sociedade machista reprimiu a afetividade e a ternura do homem. Manteve sua função afetiva em estágio de subdesenvolvimento, a ponto de o machismo inviabilizar o amor porque não consegue ver na mulher um outro à sua altura. Vê nela apenas uma oprimida, uma inferior para ser usada e desfrutada, mas no frígir dos ovos, uma grande desconhecida – um mero suporte para a família, para a maternidade e também para sua satisfação sexual. O machista não enxerga nela uma companheira, uma pessoa capaz de compreendê-lo e de ser compreendida. Alguém com quem, na base da amizade e da sensibilidade, se possa vivenciar um relacionamento amoroso. O homem machista não sabe lidar com a mulher. E pior: nem com outros homens, já que tem sempre que competir com eles. Se, em algum momento, vivenciar sensibilidade, afetividade e ternura, será tachado de homossexual, mariquinhas. E isso significará uma desgraça para ele (Byington, 2001).

Nesse cenário, ele então se transforma no machão que compete com outros homens. Seu máximo de realização como herói social é o homicídio e a própria morte na guerra, e sua vivência com a mulher é orientada pela opressão e desconfiança. Enredado nesta teia, ele não pode amar. Mas o amor está dentro dele e quer viver. E, dentro desse processo de individuação, onde tudo o que é reprimido quer sair e se realizar, o homem vai buscar na homoafetividade um caminho para a sua realização.

Quanto Bentinho se torna amigo de Escobar, passa a vivenciar a sua homoafetividade que deveria ter se desenvolvido com seu próprio pai, caso ele não

tivesse morrido quando Bentinho ainda estava na primeira infância. Naquela época, um homem não podia tocar outro homem com carinho. Podia chegar para dar um abraço com tapas nas costas, mas fazer um carinho, impossível. E a homoafetividade é a expressão da ternura entre os homens. Até hoje é um pouco assim: a gente vê as jovens andando de braços dados, trocando confidências e beijinhos. Com os homens, isso não acontece. Estou falando dos dias de hoje, imagine no século XIX. Não havia lugar para a homoafetividade. Ou melhor, só havia homoafetividade na homossexualidade. O afeto entre homens era tachado categoricamente e maciçamente de homossexualidade e a seguir proibido e atacado.

Por isso, na história de Bentinho e Escobar existe o tempo todo a questão: é homoafetividade que está sendo praticada com muitas limitações ou é uma homossexualidade latente? É uma das grandes interrogações do romance. A dúvida não diz respeito somente ao fato de ter havido adultério ou não ou ao fato de Ezequiel ser ou não filho de Escobar. Isso, no que concerne a Capitu e a Escobar. Mas, e da parte de Escobar e Bentinho? Essa é a outra grande interrogação do livro, que tem sido pouco enfatizada.

Ao descrever aquela homoafetividade, o autor desafia o leitor – sobretudo ao leitor homem e machista – a identificar Bentinho como homossexual. O jogo que permeia a obra revela um dado cultural. Porque Machado de Assis, como gênio que era, mostra o individual e ao mesmo tempo o social. O problema da homoafetividade e da homossexualidade é cultural. Hoje, sem dúvida, a homossexualidade é cada vez mais aceita e reconhecida como uma forma normal de vida do homem. E da mulher também. Mas a questão da homoafetividade dentro da heterossexualidade ainda está muito distante de ser plenamente reconhecida. Falta caminhar um pouco mais até que os homens possam se agrandar sem abalar sua escolha heterossexual. Entre os homens, revelar uma manifestação afetuosa e cultivar a ternura é ainda algo muito, muito difícil e questionável.

No contexto de desenvolvimento da homoafetividade é que nós vamos perceber o ciúme de Bentinho e entender por que esse sentimento vai passar de normal a patológico. Se você é um poderoso guardião dos seus tesouros, da sua vida, da sua casa, se as trancas são boas, se a portaria é bem reforçada e tem segurança, é natural que você tenha uma postura de atenção à sua propriedade, mas não de grande preocupação. Mas, se a sua portaria não existe, se as trancas das portas são frágeis e há um clima de grande ameaça de invasão, surge a insegurança. Assim é a masculinidade de Bentinho. Ele é um pobre homem imaturo, um passarinho depenado voando numa selva onde a

competição, a força e a virilidade dos homens é muito ameaçadora. A agressividade dele é castrada. Se não agüenta nem confrontar a própria mãe, que dirá uma disputa com outro homem por uma mulher. Medrosamente, ele se comporta como uma folha seca ao vento, um nada, uma pessoa sem força... Ele não precisa de um pequeno ciúme para dizer a si mesmo: “Atenção, perigo! Você é forte, mas há ladrões na vizinhança”. Ele precisa de um ciúme avassalador e doentio para compensar aquilo que não tem, para suprir a falta das reações masculinas de força, de ataque e de defesa.

Escobar morto é a tragédia do amor de Bentinho, porque, sem o amigo ele simplesmente não é homem e não pode mais sustentar sua relação com Capitu. Escobar era a garantia de equilíbrio no casamento. O cadáver de Escobar reflete a morte da virilidade de Bentinho e a impossibilidade de continuar a ser pai dali para frente. Nestas circunstâncias, Ezequiel não podia mais ser seu filho e vai ser filho do cadáver. Sabemos da grande atração de Machado de Assis pela loucura, mas sua arte é colocá-la com a aparência de uma possível normalidade e, ao fazê-lo, deixar seus leitores enlouquecidos de dúvidas e fantasias, como ainda acontece conosco, um século depois de sua morte.

Por que trabalhamos horas no consultório e ficamos tanto tempo dedicados aos pacientes? O que é que nos fascina na problemática humana da doença mental? Uma das respostas mais centrais para esta questão é **a verdade**. No consultório, entramos no mundo de verdade. Aquele espaço é transcendente, é sagrado. Ali, fechamos a porta da moral convencional, do superego burguês para ouvir a Sombra, o demônio e o mundo proibido: nós e o diabo diante de Deus. No consultório, vivenciamos a nossa vocação de buscadores da verdade, sem subterfúgios. Porque os subterfúgios são as defesas que infernizam a vida do paciente e constroem sua neurose. A pessoa quer sair da neurose porque procura a integridade. Quer se livrar do demônio do alcoolismo, da obesidade ou da insônia porque deseja a salvação; quer a presença da totalidade, da integridade, de Deus.

Nas terapias, ocorre um desnudamento em termos psicológicos, uma entrega que leva à invocação da verdade. Em Dom Casmurro, através da dúvida, Machado de Assis transforma o leitor em analista para buscar decifrar o personagem Bentinho, e é por isso que este adquire uma força extraordinária como relator, como a pessoa que é o centro da história. Exatamente porque na sua personalidade está a verdade escondida no fundo da patologia que o atormenta.

O final do livro é, por um lado, essa possibilidade *sherlockiana*, de que o mistério foi descoberto. O adultério de Capitu culminaria um romance de mistério de Agatha Christie, com a descoberta e execução da culpada. Por outro lado, carregamos, com o

relator, seu delírio marcado por um intenso ciúme patológico de um sujeito fragilizado, cuja personalidade foi devorada pela mãe, dentro de uma religiosidade super-protetora, culpabilizadora e enfraquecedora do homem.

Jung descreveu a função transcendente da imaginação como a principal função psíquica para ampliarmos os símbolos e conhecer os seus significados. Parece-me que, no romance, Machado nos armou um círculo que começa e termina com a imaginação para a possessão materna fragilizadora, a fraqueza, a homoafetividade, o ciúme, a traição, a depressão e a morte nos caminhos do amor.

Antes de terminar, uma palavra sobre o caráter de Bentinho, que se deformou junto com a depressão de D. Casmurro. O ciúme terrível que o atormentou, fundado ou não, levou-o à beira do precipício moral, onde quase praticou o suicídio e o homicídio. Este trauma brutal não foi por ele elaborado e resultou numa defesa de caráter, que acompanhou sua depressão. Foi esta deformação que lhe fez escrever a frase incriminadora, logo depois de ter sentido uma forte reação moral à fantasia de que Ezequiel contraísse a lepra. Esta frase foi: “Apesar de tudo, jantei bem e fui ao teatro”, aparentemente simples, mas simbolicamente tão expressiva, revelando o cinismo somente compatível com um caráter que se deformou.

### Referências Bibliográficas

Byington, Carlos A. B. (2001). Ternura, Sexo, Dignidade e Amor. Artigo publicado na *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, nº.18, São Paulo, 2001

\_\_\_\_\_ (2002). *Inveja Criativa – O Resgate de uma Força Transformadora da Civilização*. São Paulo: W11 Editores, 2002

\_\_\_\_\_ (2006). O Ciúme e o Amor - Um Estudo da Psicologia Simbólica Junguiana Artigo publicado na revista *Psique – Ciência e Vida*, nº 3, São Paulo, Editora Escala, 2006.

\_\_\_\_\_ (2008) *A Psicologia Simbólica Junguiana – A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação*. São Paulo: Linear B Editora, 2008.

Mahler, Margaret S.(1975). *O Nascimento Psicológico da Criança. Simbiose e Individuação*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1977.

Freud, Sigmund (1914). *Sobre o Narcisismo – Uma Introdução*. Obras Completas, vol 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.